

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



14 bis, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000
Produção até hoje 119:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours

A ARTE MUSICAL
 Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA

BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—
 Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—
 Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
 Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-
 mania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia
 e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotta.—
 Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
 PARIS.—334, Rue St. Honoré.
 LONDON W.—10, Wigmore Street.

L. VIEIRA
 RIBEIRO

OSCAR BRANDSTETTER
 LEIPZIG
 Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Typographia, Lithographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Instalações especiais
 para grandes
 tiragens

* **Lambertini** *

REPRESENTANTE —
 — e Unico depositario

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

PRAÇA DOS RESTAURADORES



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Curiosidades musicas. — Notas vagas. — Noticiario. — Necrologia.

Curiosidades musicas

(Continuado do numero antecedente)

VII

José Ernardo, musico hespanhol — Maria Rosa, sua mulher, comediante

Se ainda existisse o Beco das Comedias, convidaria o leitor a irmos alli, para assistir a uma scena de *Fausto*, em casa de José Bernardo, natural do reino de Valencia, em Hespanha, e com o partido de musico n'uma companhia de comediantes.

Alem do dono da casa, encontraríamos tres personagens notaveis: — um D. José, hespanhol, que apresentou um estrangeiro italiano ou francês, e o padre Manuel José del Villar, natural de Madrid, da ordem de S. Basilio.

O tal estrangeiro possuia um livro de magia, ornado com figuras de animaes immundos, pelo qual se invocava o diabo, e se cometiam sortilegios, e coisas sobrenaturaes. Era um manuscripto em quarto de dois dedos de grossura, em lingua latina, e, como por este motivo, os assistentes não o intendessem, havia sido convidado expressamente o dito Fr. Manuel para o interpretar. O frade, conhecendo logo a natureza da obra demoniaca, bem diligencias fez para conseguir que o seu possuidor lha cedesse por algum tempo, mas não o alcançou.

Não podendo, como tanto desejava, depositar o livro na Mesa do Santo Officio, apresentou-se elle proprio, dezoito ou vinte dias

depois, em 4 de novembro de 1721, a delatar a scena.

O mais curioso, incompreensivel até, é como o frade denunciou tambem Maria Rosa, mulher do musico, a qual fazia parte de uma companhia de comediantes, d'onde fôra expulsa, jurando por isso vingarse das pessoas que lhe causaram tal damno, ainda que tivesse de entregar a alma a Satanaz. Ora esta Maria Rosa já tinha tido seus dares e tomares com a inquisição de Evora, por causa de uma *Carta de tocar*, que lhe passara D. Sebastião Redondo, que assignou com sangue tirado dos proprios dedos. Sabe o leitor o que era uma *carta de tocar*? Era um papel mephistophelico, que prometia fortuna a quem o possuísse, com tanto que fizesse certo pacto, ao que parece, com o diabo.

Julgo desnecessario, por serem prolixas e poderem enfatiar o leitor, o trasladar aqui as denuncias de Fr. Manoel del Villar, e de José Bernardo; em compensação darei as notas da Inquisição de Evora, relativas a um processo de Maria Antonia, em que se acha implicada a referida Maria Rosa.

Nellas se colhem pormenores curiosissimos para a historia das superstições, no primeiro quartel de seculo XVIII. Como tudo era comedia na vida daquelles comediantes e na comparsaria que os rodeava, dentro e fóra do theatro! Comedia e nigromancia, duas coisas equivalentes. Instrua-se e recreie-se o leitor com o papel inquisitorial que vae a seguir:

«Culpas que ha nesta Inquisição de Evora contra Maria Rosa, castelhana, natural do reino de Valencia, moradora que foi nesta cidade, e de presente na de Lisboa no Beco das Comedias.

Do processo de Maria Antonia, viuva de Manuel de Flores de Andrade, natural de Madrid, reino de Castella, e moradora nesta cidade de Evora.

A qual foy preza por culpas de feytiçarias em 7 do mes de julho de 1717 nos carseres secretos desta Inquiçam e na primeira sessam que com ella se teve em os 9 do dito mes e anno comessou a confessar suas culpas e dice desta ré o seguinte de 24 annos de idade pelo que lhe foy dado corador, foy penetensiada no Auto publico da fe que se celebrou na igreja de S. João Evangelista em os 22 de mayo de 1718, e foy degradada por tempo de dois annos para a cidade da Guarda :

Aos nove dias do mes de junho de mil sette centos e dezasete annos em Evora na primeira casa das da audiencia da Santa Inquiçam estando ahy em a manhã o Senhor Inquisidor Ignacio de Cabido de Vasconcellos, mandou vir perante sy por pedir audiencia a huma molher, que em os sete dias deste presente mes veyo preza para esta Inquiçam e sendo presente lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos sua mão sob cargo do qual lhe foy mandado dizer verdade e ter segredo o que prometeo cumprir.

E logo dise chamarse Maria Antonia, de nassam hespanholla, viuva de Manuel Flores de Andrade, reposteyro do Conde de Palma de Castella, natural da Corte de Madrid, e moradora nesta cidade de Evora e dise ser christã e de vinte e quatro annos de idade.

Perguntada para que pedio audiencia dise que para confessar suas culpas.

E logo foy adomoestada na forma do estillo deste officio, ao que respondeo que só a verdade diria e esta he :

Que haveria seis mezes pouco mais ou menos em casa de Joseph Bernardo, chistão, hespanhol de nassam a seu parecer cazado com Maria Rosa, tambem castelhana, natural do Reino de Valensa, e moradora nesta cidade a alguns annos e ao presente o he na cidade de Lisboa no Beco das Comedias, se achava com a ditta sua molher Maria Rosa e com huma filha do ditto Joseph Bernardo chamada Rosalia, e entre praticas lhe dise a ditta Maria Rosa a ella confitente que hum D. Sebastiam de Redondo, christão, cavaleyro que dizia ser do habito de Santiago não sabe o nome de seos pays, solteiro, natural de Granada acestente então nesta cidade em casa do ditto Joseph Bernardo, e agora não sabe donde aciste e foy prezo duas vezes no Santo officio de Lisboa e desta cidade lhe dicera queria fazer lhe huma Carta de tocar para que tivece boa fortuna

na venda da agoa-ardente que era o trato de seu marido Joseph Bernardo, e no mesmo tempo sahio de uma casa interior e honde acestia o ditto Sebastiam de Redondo, e vindo conversar como ella declarante tem referido. ao que respondeo o ditto D. Sebastiam Redondo não fizera bem a ditta Maria Rosa em dar conta a ella declarante da offerta da carta, e então respondeo a ditta Maria que não importava que ella declarante soubesse da dita carta porque o não havia dizer a ninguem e nestes termos dice o ditto D. Sebastiam Redondo a ella declarante que se queria outra que lha faria para conseguir hum dos intentos ao que ella respondeo que sim, e elle lhe dice que queria entrar no pacto sem declarar com quem era o pacto e ella declarante lhe replicou que se o pacto era, e consentia em não resar oraçoins a Deos Nosso Senhor que a não queria e nestes termos a começou a fazer e tendo já feyto, e escrito parte da carta lhe tornou a perguntar se queria entrar no pacto e se sabia escrever ao que ella respondeo que nem sabia que couza era pacto, nem sabia escrever ao que elle respondeo que nam importava, que elle faria a carta, ao que ella declarante não deu resposta alguma e então a ditta Maria Rosa dice D. Sebastiam Redondo, que importava o que prometia nas cartas, se elle quando lhe parecia as podia quebrar e não terem efeyto ao que respondeo o ditto D. Sebastiam Redondo que tal não socederia, e que para seguransa de tudo elle as firmaria com letras de seu sangue. Como com effeyto se picou em hum dedo e com o seu sangue escreveu algumas cousas na ditta carta, e na mesma entende pôr o nome della declarante, porque lhe perguntou como se chamava o que ella não sabe de certo, porque não sabe escrever, e quasi nada de ler.

Dice mais que depois de feytas as ditas cartas pelo ditto D. Sebastiam Redondo e antes de lhas entregar a ella declarante huma e a ditta maria Rosa outra lhes dice que haviam de hir a ouvir uma missa em cujo altar havia elle ter metido as ditas cartas para se dizer missa sobre as mesmas, com effeyto elle falou a hum sacerdote que dice a missa elle deu um cruzado novo de esmola, pelo que o mesmo dice, que ella não lhe vio dar a dita esmola e assistiram a missa ella declarante, e a dita Maria Rosa e D. Sebastiam Redondo o qual depois de acabada a missa tirou debaxo da toalha do altar huns papeis e passado hum dia lhe deu a ella declarante a ditta carta de tocar dizendo-lhe que sobre ella se havia ditto a missa e he o que tem que declarar acerca do que passou com o ditto D. Sebastiam Redondo

e mais não dice nem ao costume e sendo-lhe lida esta sua confissam e por ella ouvida e entendida dice estar escripta na verdade e que nella firmava, e ratificava e tornaria a dizer de novo sendo necessario e assignou pela ree de seu consentimento em presente do seu curador o notario Joam Martins Aranha e o di to Senhor Inquisidor. Joam Martins Aranha — Notario do Santo Officio que o escrevi — Joam Martins Aranha — Balthasar Affonso Banha, Ignacio de Cabido de Vasconcellos

A qual culpa foi trasladada bem e fielmente de proprio original com que concorda e faço fee estar ratificado no mesmo a que me reporto e contestei este treslado com o notario abaixo assignado em prezença do promotor desta Inquisiçam Evora no Santo Officio. 7 de novembro de 1721 — Bento Franco Martins.

Concertado comigo Notario — Francisco Gonsalvez Galvão.»¹

VIII

Fr. Domingos de S. José Varella,
organista e organeiro

O sr. Ernesto Vieira consagrou um copioso artigo a frei Domingos de S. José Varella, monge beneditino, musico theorico e pratico, muito considerado pelos seus contemporaneos, e ainda hoje digno de apreço. Deu á estampa, em 1806, na cidade do Porto, um *compendio de musica*... ao qual vinte annos depois juntou um *Suplemento*, onde vêm um soneto laudatorio de João Evangelista de Moraes Sarmiento, o poeta portuense de quem já falei no artigo referente á cantora *Lapinha*.

Varella tangia com proficiencia, e, não contente com isto, concertava e construia, com igual habilidade, órgãos e outros instrumentos analogos. Executou tambem um piano de sua invenção.

O Soneto alludido deve ser o que apparece a pag 27 das *Poesias* d'aquelle auctor, publicadas posthumas no Porto em 1847. Vê-se que é uma glosa ao mote.

Newton em Lysia nos prendeu Varella

SUSA VITERBO.

¹ Torre do Tombo — Caderno 90 do Promotor de Inquisição a fs. 87 —



Cartas a uma Senhora

134.^a

De Lisboa

Tem talvez razão, boa amiga, nas suas desalentadas referencias a tudo quanto aqui se está passando, e porventura, longe como se encontra, melhor que nós verá a paisagem social portugueza do presente minuto, paisagem cujos aspectos, aos que estamos de dentro, se apresenta encarvoada e confusa.

Mas deixando coisas displicentes que invocam apprehensões tristes, prefiro responder áquella parte da sua carta em que me fala das creanças portuguezas cuja sorte a confrange e das festas de caracter mais ou menos popular, que lamenta não ver instituidas na nossa querida terra.

Se lhe parece, seriemos as questões. Comecemos pelas creanças.

Contam ellas n'esta hora alguns amigos e algumas amigas de cuja dedicação e sinceridade nem sequer é licito duvidar, e tratando-se de senhoras, basta apontar, entre outros, os nomes festejados e prestigiosos de Cael, D. Anna de Castro Osorio e D. Virginia de Castro, que tem posto o brilho do seu talento e o calor dos seus corações ao serviço d'esses pequeninos seres, portadores divinos d'esta coisa grande, o futuro.

E, para não ser injusto, até o meu barbuço e inesthetico sexo ultimamente vem procurando redimir-se de antigas e horrendas culpas, e para isso creou aqui, em Lisboa, lactarios, cantinas, patronatos á infancia consagrados; o que, a par dos dispensarios que por igual funcionam, de algum modo corrige e attenua a lamentavel miseria organica d'aquelles que em grande numero são os fiadores dos nossos destinos e os representantes do Portugal vindouro.

Todas estas iniciativas, de tão luminoso alcance e tão fecundante estimulo, merecem a mais effusiva sympathia e despertam o mais quente entusiasmo, e se esse generoso movimento gerado n'um bem entendido altruismo e n'uma sentida e convicta solidariedade, continuar propagando-se na espe-



cie de ondulação bemdita em que o tenho visto, de certo alastrará em breve por todo o paiz, e d'elle hão-de irradiar novos e successivos emprehendimentos.

A's colonias de ferias seguir-se-hão as permutas de estudantinhos entre terra e terra; as excursões communs e os passeios collectivos não deixarão de ter o seu logar, e um dia virá em que a creança portugueza adquirirá personalidade, será alguém, e não despertará apenas a ternura da nossa alma porque ha de accôrda os interesses do nosso espirito e provocar a curiosidade da nossa razão.

Falta, é claro, crear a escola maternal, primeiro termo de toda esta evolução sagrada, mas já agora quero crer que ella surgirá tambem e muito breve, para resgatar o perdido, assim como ainda não desani neí de em outro ponto da linha d'essa evolução ver desenhar-se a creação de um typo de escolas infantis ao ar livre onde a pequenada bravia que se perverte na rua ou se bestialisa na ignorancia e em grupos vagueia sem eira nem beira, seja devidamente recolhida e albergada, e convenientemente industriada na pratica das innumeradas profissões que na vida abrem a porta da salvação e da esperança, e podem ser para um paiz semente da sua riqueza e elemento do seu trabalho, em vez de constituirem alfbre dos seus criminosos ou nateiro dos seus degenerados, e, resumindo, fermento da desgraça propria e do mal estar geral.

Tudo isto eu me convenço que poderão consegui-lo quantos pretendem dar a Portugal uma rasão de ser mais logica do que aquella que ha dezenas de annos lhe vem falsamente entreteendo a existencia.

Quizera dizer-lhe mais sobre este sempre tão attrahente assumpto, mas agora noto que não me occupi de outro, as festas de character popular que convém ir antepondo ás romarias, pois que estas já pouco dizendo ás gentes varias de hoje, não raro são motivo de rixas serias onde, de envolta com vinho corre sangue, e perdido o pittoresco que salvava algumas, em quasi todas só ficou imperando a brutalidade que afugenta e a idolatria que deprime.

E no entanto, ha tão lindas cousas a tentar!

Calcule a minha amiga o que seria susceptivel de extrahir-se da nossa historia tão variada e tão rica, tão semeada de aventuras epicas, de traços exóticos, de episodios estranhos, e como tudo isso manejado por eruditos que fossem artistas, e por artistas que fossem patriotas, daria ensejo a inconfundiveis e impressivos quadros do mais intenso colorido, da mais luminosa trama e sobretudo dos mais surprehendentes effeitos!

Está tambem por explorar um filão profundo, o da vida local das nossas provincias, das suas canções que esperam musicos de gosto e de saber que as estylisem e as trabalhem, que as filiem e que as nobilitem, n'ellas colhendo a cerulea flor de sonho que mais ou menos todas encerram e só não descobrem os que não sabem ou não podem senti-las; dos seus folgares e dos seus jogos, pois tudo isso, tocado pela poesia e transfigurado pela arte, daria e dará margem bastante para diversões pelo menos tão bellas como as que lá por fóra congregam a multidão errante ou os forasteiros dispersos que pelo mundo seguem á busca do imprevisto ou do *differente*.

Emfim não acabaria ainda se lhe exteriorisasse em palavras, mesmo pardas e banaes, as mil e uma coisas que visiono a miude quando penso n'este tão mal tratado rincão que é nosso, mas — quer saber? — palpita-me que depois de irmos muito mal, uma hora virá em que de novo o sol ha de fugir, e pelas campinas ridentes as flores desabrocharão aos mólhos, emquanto nas almas em festa a alegria palpitará ovante...

Até lá paciencia e confiança...

AFFONSO VARGAS.



Temos sobre a banca de trabalho um primoroso folheto de Antonio Arroyo, acabado de publicar, e onde o conspicuo homem de letras se occupa, com a sua auctoridade e proficiencia habituaes, da funcção social do Canto Coral.

Foi o assumpto tratado na conferencia, que o distincto critico realisou em Coimbra, na festa realisada pelo *Orpheon Academico*, a 1 de maio.

Depois d'esboçar rapidamente o papel que o canto collectivo tem desempenhado atravez dos tempos, detem-se o eminente publicista na analyse do actual movimento orpheonistico nos paizes que mais teem desenvolvido esse elemento de educação e arte populares — a Russia, a Noruega, a Alemanha, a Hespanha e a Belgica, entre outros.

Acerca do nosso paiz as suas reflexões não podem deixar de ser desanimadoras.

«E que pôde Portugal contrapôr a essas superiores e intensas manifestações artisticas? ...»

Que hymnos patrióticos sabe cantar o nosso povo? O da independência de 1640, o *Rei chegou*, a *Carta constitucional*, a *Maria da Fonte*? Não. Estes cantos tiveram apenas um papel episódico, os que o tiveram, e desapareceram inteiramente da memória do povo. Acresce ainda que em Portugal, ao contrario do que succede nas outras nações, não se canta o hymno nacional, nem parece haver disso maior necessidade. E, além de tudo o mais, o hymno da Carta foi feito para os latões das bandas marciaes; não se pôde cantar. E' uma marcha, um passo dobrado, uma peça instrumental, e nunca uma obra de character coral.

O nosso povo, vivendo em plena *anarchia doce*, no justo dizer de Bismarck, não carece de recorrer á fôrma artistica que exige a unidade civica das nações, até nem sempre mais avançadas; na paz *pôdre* em que vegeta, esqueceu os cantos guerreiros, e sem unidade social não produz cantos nacionaes. Elle gosta principalmente do *fungagá* e do *Zê Pereira*, e ao mesmo tempo dos foguetes e dos morteiros. A banda marcial, a pavorosa philharmonica é que principalmente concentra em si os nossos mais superiores sentimentos nacionaes. E comprehende se assim o conspicuo e precipuo desprezo dos altos personagens portuguezes pela musica e pelas artes em geral! ...»

E mais adiante: —

«Não. Em Portugal não pôde até hoje haver canto coral, orpheons. Pode dizer-se que a canção popular portugueza, aliás riquissima, apenas traduz os sentimentos mais rudimentares da vida de relação; a nossa canção é principalmente amorosa, ou ainda religiosa, mas nunca politica, ou patriótica. Esta phase lyrica, que nos caracteriza, não necessita de orpheons para se revelar; ella é de sua natureza individualista. E por isso todos quantos orpheons cá appareceram, como atrás já disse, bem pouca duração tiveram. Foi o que succedeu ao *orpeon coimbrão* de 1880-1882, e ao *orpeon portuense*, fundado pouco mais ou menos pela mesma época.»

Refere-se ainda Antonio Arroyo a um emprehendimento de alto alcance artistico, que está ainda por tentar entre nós, e que teria toda a importância para a implantação do orpheon popular e quem sabe se para a nacionalisação da nossa arte. E' o inquerito scientifico de todas as formas e modalidades

da cantiga portugueza, consoante as suas characteristics de local, de época, de fôrma, etc.

Alludindo ao *Fado*, esse producto espurio da nossa sensibilidade amaviosa e doentia, Antonio Arroyo tem palavras de justissima severidade. E como, segundo diz o proprio auctor, se levantassem protestos a respeito d'essas palavras, explica-as e defende-as brilhantemente em uma *nota* ou *appendice*, que só por si constitue um documento de largo interesse para o estudo do nosso *folklore* musical.

A proposito do *Fado* e já que nos permitimos fazer outras transcrições do substancioso livrinho, terminaremos repetindo o aphorismo com que Antonio Arroyo fecha a sua these.

«Emquanto cantarmos o *Fado*, de cigarro ao canto da boca, olhos em alvo e paixão a arrebentar o peito, não passamos de um povo inferior, incapaz de comprehender a vida moderna das nações avançadas.»

*

Queixam-se alguns contramestres de musica, a quem foi dada a graduação de sargentos-ajudantes, por decreto de 7 de setembro de 1899, de que não gozam das mesmas regalias que os contramestres da guarda municipal. Até os vencimentos são menores, o que nos parece profundamente injusto, dada a egualdade de patentes.

*

Regressou a ferias o distincto violinista Ivo da Cunha e Silva, pensionista do estado em Paris e discipulo de Joseph White.

O sympathico artista conta conservar-se em Portugal até outubro proximo.

*

Visitou a nossa redacção o sr. Enrico Guido, illustre pianista italiano que se encontra por algum tempo entre nós.

Agradecemos a attenção.

*

Recebemos o quarto fasciculo do *Folklore Musical*, interessante publicação editada pela casa Pereira & C. do Porto. Contem este fasciculo a canção da *Saloia*, na dupla versão de piano e de piano e canto.

*

Um musico hespanhol, residente em Buenos-Ayres, D. Angel Menchaca, imaginou um

novo systema tendente a simplificar a actual graphia e nomenclatura musicaes.

Um dos artistas que mais se tem interessado pela adopção d'este novo systema é o maestro Breton, que ainda ha pouco fez em Madrid uma conferencia em que patrocinou com enthusiasmo a reforma proposta pelo seu compatricio.

Diz-se que D. Angel Menchaca virá brevemente á Europa, fazendo conferencias em Lisboa e outras cidades afim de explicar o seu systema.

A *Arte Musical* tambem se occupará largamente do assumpto em um dos seus proximos numeros.

ESTRANGEIRO

Em março e abril do proximo anno haverá em Italia uma importante série de concertos de musica symphonica russa, em que serão passados em revista os principaes compositôres russos a partir de Glinka.

O director da orchestra será o maestro Granelli, que vive desde muito novo na Russia, onde se tem feito conhecer vantajosamente como compositor.

*

Dizem nos que teem sido muito interessantes os concertos symphonicos, em San Sebastian, sob a regencia do maestro Larrocha.

Nas audições classicas das terças-feiras tem-se executado com grande applauso a *Damnation de Faust*, a *Symphonia tragica* de Schubert, a *Pastoral* de Beethoven, a *Symphonia rhenana* de Schumann, o fragmento symphonico da *Redempção* de C. Franck, e muitas outras obras do grande repertorio.

*

Desmente-se a noticia que aqui demos de que havia probabilidades de cantar-se brevemente o *Parsifal* em Paris. Desmente-a o proprio Siegfried Wagner em uma correspondencia para o *Berliner Tageblatt*.

*

Em 14 do mez passado inaugurou-se no Rio de Janeiro o novo Theatro Municipal, cujo plano é devido ao architecto Francisco de Oliveira Ferrão. Custou cerca de 2 400 contos e lembra, como construcção, a Opera de Paris, comportando 1.760 expectadores.

A inauguração teve logar, com grande exito, com a opera *Moema*, de Delgado de Carvalho.

*

O collegio Bedford, da Universidade de Londres, deu no *Royal Court Theater* uma representação da *Electra* de Sophocles, em grego.

A adaptação musical foi feita por Granville Bantock, erudito professor de Birmingham, o qual se baseou, para este delicadissimo trabalho, nas investigações de Wastphal e Gevaert sobre a musica da antiga Grecia.

A orchestra, occulta, compunha se d'instrumentos de sôpro, harpas e cymbalos.

*

O celebre pianista Paderewski recebeu a roseta da Legião d'Honra. A mercê foi requerida, ao que parece, pela Sociedade dos Professores do Conservatorio de Paris.

*

A casa Hamma, de Stuttgart, adquiriu ultimamente dois violinos de um valôr excepcional — o *Stradivarius* de Kubelik e o *Guarnerius* de Carl Lipinski.

O primeiro tem a data de 1687 e está admiravelmente conservado; é um dos mais bellos productos do genio do velho cremo-nense. Kubelik, que o tinha comprado em 1895, servia-se d'elle em todos os concertos; mas um dos seus admiradores deu-lhe ha pouco outro Strad, da bôa epoca, com a condição de se servir exclusivamente d'elle. Esse foi o motivo da venda.

Quanto ao Guarnerius do violinista polacco Lipinski, é tambem um specimen valioso da violaria cremo-nense. Tem a data de 1737 e depois da morte de Lipinski (em 1851) pertenceu a Auguste Wilhelmy durante bastantes annos. Dizem que é tão bello como o famoso Guarnerius que Paganini legou ao municipio de Genova.

*

Vae fundar-se em Stuttgart uma bibliotheca musical popular. Formou se para o effeito uma comissão em que figura o conhecido compositor Max Schillings.

*

A ultima serie de concertos da *Philharmonic Society* de Londres deu um prejuizo de dois contos de reis. Por alguns a que assistimos, podemos afirmar que não foi por falta de concorrência que se chegou a esse triste resultado, antes terá sido, como

aventam os jornaes, pelas excessivas exigencias de solistas e directores d'orchestra.

*

Projecta-se em Londres a construcção de um grande theatro de opera nacional. A empreza financeira que emprehendeu a realisacção d'este projecto já conta com um capital de cerca de 500 000 libras.

*

No naufragio do transatlantico *Slavonia*, que se afundou proximo dos Açores, perdeu-se a partitura e partes cavas da opera *Michel Angelo*, do compositor americano Albert Milderberg. Os passageiros, entre os quaes se contava o referido artista, puderam salvar-se em escaleres.

*

Um dos nossos collegas de Genebra abriu um inquerito afim de conhecer a opinião dos mestres sobre a execução de reduções d'orchestra, de que se usa e abusa nos casinos de verão.

Como se sabe, nos kursaals e casinos de praias e thermas é muito frequente darem-se dois e tres concertos por dia; em alguns até fazem executar, ao ar livre, as obras de Mozart, Beethoven, Schubert, Franck, etc., ás vezes com uma orchestra incompleta ou demasiado reduzida no quarteto.

Eis a opinião de Vincent d'Indy, sobre o caso: — «Em principio, sou absolutamente contrario á mutilação das obras primas. Executar a 9.^a Symphonia ao ar livre com quatro violinos, alguns instrumentos de vento e um piano é uma monstruosidade. No entanto os organisadores d'esse genero de concertos propõe-nos o seguinte dilemma: — Vale mais executar, mesmo imperfeitamente, a boa musica do que a má. E a isso lhes responderei que, no fim de contas, ha muito *boa musica* que se póde executar com meios restrictos; as *ouvertures* de Rameau, mesmo as de Gluck, em que não são precisos trombones, as aberturas das operas comicas francezas do seculo XVII e ainda a mór parte das symphonias de Haydn, bem como muitas de Mozart. Mas taes grupos orchestraes não poderão nunca abordar nem Beethoven, nem os modernos, sem violar as leis estheticas. Se me perguntassem: — Prefere ouvir musica como se faz na mór parte dos casinos ou não ouvir nenhuma? — pronunciar-me-hia energeticamente pela ultima proposição. Vale cem vezes mais não ouvir mu-

sica alguma que ouvir desfigurar as obras dos mestres».

Weingartner, Stavenhagen e outros musicos illustres que foram consultados não discordaram sensivelmente d'esta opinião.

*

Com uma gentilissima dedicatoria da insigne cravista e pianista Wanda Landowska acabamos de receber o seu livro sobre a *Musica Antiga*.

Vamos lê-lo e brevemente daremos conta da impressão recebida.

*

O barytono Rudolph Berger, que pertencia á Opera de Berlim volta da America transformado em tenor, devendo *debutar* em setembro na mesma Opera de Berlim, no papel de Lohengrin.

Não faltarão barytonos no Velho Mundo que queiram *ir tenorizar-se* á America.

*

As mais recentes noticias de Caruso contradizem o que aqui temos dito ultimamente a respeito do *divo*.

Diz se agora que está reconduzido por tres annos para a Metropolitan-Opera de Nova-York, tendo já contracto feito para Monte Carlo quando termine o da America.

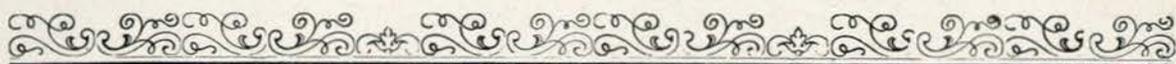


Com 81 annos falleceu ha dias o sr. Manuel Cordeiro Fialho, musico de 2.^a classe que serviu durante muitos annos no regimento d'infanteria 7.

— Victimado por uma pneumonia grippal falleceu o sr. Carlos Paccini, irmão da notavel cantôra Regina Paccini e do sr. José Paccini, ex-empresario do theatro de S. Carlos.

— Falleceu em Madrid a sr.^a Corinna Passigni de Medina, irmã da illustre leccionista de canto, sr.^a D. Victoria Mirés, que em causa d'esse triste acontecimento interrompeu por alguns dias as suas lições.

Aos esposos Mirés endereçamos a expressão da nossa magua.



Artigos especiaes

— DA CASA —

CARESSA & FRANÇAIS

— VIOLINOS —

Marcados «Caresa & Français»	120.000 réis
Feitos sob a direcção de Caresa & Français . . .	70.000 »
Acabados sob a direcção de Caresa & Français	30.000 »

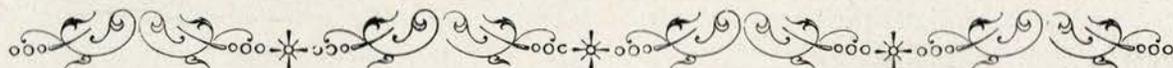
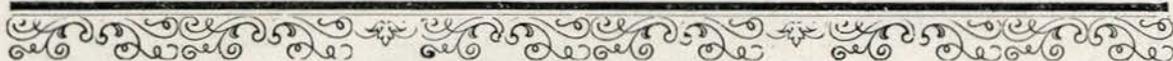
Arcos de violino: — 4.000, 6.000, 10.000 e 15.000 réis

Arcos de violoncello: — 4.000, 6.000 e 10.000 réis

Resina para violino, violoncello e contrabaixo — **Cordas** para violino, violeta e violoncello — **Surdinas normaes** para violino

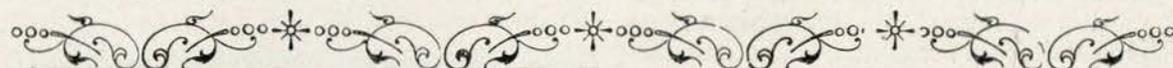
Representante e unico Depositario —

LAMBERTINI



ERNESTO VIEIRA

Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol, adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch.	4.000
<i>Encadernado com capas especiaes</i>	5.500
Diccionario musical, ornado de numerosas gravuras (2. ^a edição)	1.800



Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM: — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA



GAVEAU Grande Fabrica
DE
PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie—PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas
(1888)

Grand Prix: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
x x pianos d'esta reputada fabrica x x

* **A. HARTRODT** *

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

CASAS PRINCIPAES : HAMBURGO e LONDRES

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBÉCK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas o quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Rua do Crucifixo, 8, 2.^o — LISBOA



Carl Hardt



== Fabrica de Pianos == Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, seguido o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:—Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior dintincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras

de Operas

antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade



Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc. x x

MUSICA dos principaes editores — **Edições economicas** — Aluguel de musica. x

Instrumentos diversos, taes como: **Bandolins, violinos, flautas, ocarinas**, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores

Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua de S. Bento, 56, 1.º E.*
- Alberto Sarti**, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano, *R. N de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 2, C, 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa se na casa LAMBERTINI*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello, *R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R Paschoal de Mello, 131, 2.º D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, prof. de cornetim, *R. das Salgadeiras 48, 1.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moimho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, profes.ª de canto, *T. Santa Quiteria, rua Particular, 5, 1.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *R. da Penha de França, 4, 3.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa